

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

LUANA KURTZ RETTAMOZO

**É POSSÍVEL EDUCAR PARA A LIBERDADE
ATRAVÉS DA ARTE?**

Questionamentos de uma ex-pibidiana sobre o ensino de artes visuais

Profa. Dra. Paula Mastroberti

Orientadora

Porto Alegre, Rio Grande do Sul
2018

LUANA KURTZ RETTAMOZO

**É POSSÍVEL EDUCAR PARA A LIBERDADE
ATRAVÉS DA ARTE?**

Questionamentos de uma ex-pibidiana sobre o ensino de artes visuais

Relatório final, apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte das exigências para a obtenção do título de graduação em Licenciatura de Artes Visuais .

Porto Alegre, 10 de janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Paula Mastroberti
Orientadora

Prof.^o Dr.^o Carlos Augusto camargo

Prof.^a Dr.^a Paola Zordan

Dedicatória

Dedico esse trabalho àquele que me ensinou sobre arte na vida: a arte do humor e do amor, a arte do respeito, da convivência, a arte do coletivo, a arte de se doar, a arte do desapego, a arte da vida: meu pai Luiz Carlos Rettamozo, meu artista predileto. Aos meus filhos Henrique, Helena e Alice, que sempre foram meus maiores ensinamentos e motores propulsores de vida. E ao meu amor Adriano Mussi, pois sem ele nada disso seria possível.

Em memória de Tereza Urban, a única pessoa que desde sempre me incentivou a ser professora, muito antes da faculdade e dos filhos.

Agradecimentos

Agradeço ao Adriano Mussi por acreditar em mim, mais que eu mesma e ter me encorajado em todos os momentos, por aguentar os meus surtos e nunca deixar que eu desistisse, pelas adoráveis e incontáveis noites de conversas, risadas e discussões sobre arte, e também por ter possibilitado financeiramente que eu entrasse na universidade, que apesar de pública nos exige bastante material e tempo livre já que temos aula nos três turnos. Agradeço também aos meus filhos Henrique, Helena e Alice, minhas cobaias de plantão, por sobreviverem a todos os erros e acertos decorrentes do meu aprendizado intuitivo na prática diária da educação e, aguentarem esses 5 anos de mãe estudante. Agradeço ao meu pai e a minha mãe, por terem me proporcionado um convívio tão enriquecedor e diverso com arte na infância, o contato com tantos artistas com os quais tive experiências transformadoras. A todos meus colegas do IA e da Faced pelas discussões e risadas e a todos os queridos professores, aqueles que me identifiquei mais e os que nem tanto, pois sem cada um deles esse trabalho não seria possível.

Obrigada a todos!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo questionar a falta de liberdade no espaço escolar formal e gratuito, público, ou seja fornecido pelo estado, como prática de educação e cidadania.

Ao pensar a educação para a autonomia, é importante vivenciá-la, experimentá-la, pois é através dela que aprendemos a valorizar o mundo, o outro e nós mesmos. Vê-se que a melhor forma de fazer isso no contexto atual da escola pública no Brasil é através da arte. A arte nos possibilita experimentar, questionar, expressar sentimentos e ideias, comunicar, agregar, criar pontes, valorizar o diferente e lidar com as contradições e ambiguidades inerentes ao ser humano. Ao pensar uma educação para a liberdade é necessário ensinar através do respeito, da diversidade, do fazer junto, pois é na prática do coletivo que aprendemos a ser responsáveis com os outros e com nós mesmos. E a educação artística é excelente campo para tal, por ser uma via de experimentos e descobertas pessoais.

Propõe-se, a partir deste trabalho teórico e na prática da sala de aula, via PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, buscar essa liberdade através de atividades práticas, coletivas e de pesquisas com arte. Para isso, utilizar-se-á como referência a artista e professora Fayga Ostrower, o filósofo Edgar Morin e o educador Paulo Freire, ícone da pedagogia brasileira. E, não menos importante, toda a bagagem cultural que esta autora vivenciou desde sempre com inúmeros artistas, poetas e escritores com quem ela teve o prazer de conviver e aprender, na prática, sobre a beleza das diferenças, com parceiros de seu pai Luiz Rettamozo - ou Retta, como é conhecido, com quem aprendeu a importância da liberdade para o pensamento, para a criação, para a produção artística e na maneira de olhar para o mundo.

Palavras chaves: **Educação, liberdade, coletivo, arte.**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	06
1. O MEU CONTEXTO AMPLIADO– Liberdade e diversidade como exercício de formação.....	08
2. AS PRÁTICAS: EM BUSCA DO COLETIVO.....	16
2.1. O que é o PIBID?.....	16
2.2. Minha primeira experiência - “caindo de pára-quedas”.....	18
2.3. PIBID - “Um projeto do início”.....	24
2.3.1. <i>O ano de 2014</i>	24
2.3.2. <i>O ano de 2015</i>	28
3. OUTRAS EXPERIÊNCIAS.....	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

APRESENTAÇÃO

Sempre pensei que a escola deveria ser um local do pleno exercício de liberdade. Se é para ser o local de aprendizado para a vida adulta, não seria esse o local mais apropriado para experimentar a liberdade? Ou não queremos uma população livre de verdade? Não educamos para a liberdade, há muito já nos dizia Paulo Freire (2015). Por quê?

A liberdade a qual me refiro é aquela que, segundo Jean-Paul Sartre (1943), inerente ao ser humano, torna-o responsável pelos seus atos em relação a si e ao mundo. Liberdade de escolha, de pensamento. É essa liberdade que nos insere no mundo, faz com que saíamos do nosso universo particular para olharmos o outro, o bairro, a cidade, o país, o planeta. Faz com que tenhamos noção de nós mesmos e da nossa responsabilidade com o que nos cerca. Liberdade de agir e pensar, mas também de saber calcular que cada ato meu tem consequências afetando o todo. A liberdade dita aqui é uma liberdade pensada e pesada. Que nos torna responsáveis e éticos. A liberdade que nos insere no mundo como parte dele e por qual somos responsáveis, ou deveríamos ser. Liberdade essa que só é possível no exercício do coletivo com a beleza da diversidade e o respeito a complexidade que é condição humana.

Na natureza, os ditos animais sociais como abelhas e formigas trabalham coletivamente, em tarefas distintas, onde cada indivíduo faz a sua parte para cuidar e defender a espécie, alimentar, estocar comida, proteger o lar de invasores. Desde pequena observando os animais, sempre me intrigou porque o bicho homem não cuida do seu igual? Por que nós enquanto ser humano não somos educados para defender primeiro a nossa espécie? Por que crescemos com a ideia de competição e não de compartilhamento? Penso que a resposta está na forma que educamos nossas crianças até agora.

Uso a metáfora das sociedades de insetos para iniciar esse trabalho de fim de curso em Licenciatura em Artes visuais porque acredito que podemos ser educados

de outra forma, para o coletivo, para somar, para construir, para o “fazer junto”, e penso que a arte é um facilitador nessa tarefa. Somos uma espécie dependente e social que com o passar do tempo foi perdendo a noção de espécie. Vivemos um momento onde o individualismo impera, uma época que não temos mais tempo pra sentir (o vento, a chuva), pra olhar (a lua, o céu, os passarinhos), para afinar a nossa percepção, para nos debruçarmos nessas e em diversas outras questões importantes e pensar a complexidade e as contradições humanas, porque hoje é preciso correr sempre. Não há mais tempo para vivenciar experiências, para o pensamento reflexivo, para o ócio criativo, tão necessário a reflexão e a criação. Como chegamos a esse ponto? Será esse um caminho pensado? Será esse o caminho?

Edgar Morin (2011) nos ajuda a pensar possibilidades para educar nesses “tempos líquidos”. Em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, o autor nos chama a atenção sobre o ternário da nossa condição humana, que é ser, ao mesmo tempo, individuo-sociedade-espécie. Morin nos alerta que “*a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana.*” (Morin, 2011, p. 43). Os primeiros passos para uma liberdade responsável são respeitar e aprender a enxergar o outro, compreender a responsabilidade que é vivermos em sociedade e no que isso implica.

Quando comecei a pensar em educação, primeiro quando tive filhos há mais de 20 anos, depois quando entrei na faculdade tendo como meta ser professora de artes, há 6 anos atrás, venho observando colegas, alunos e professores dentro e fora da sala de aula, e me questionando: como o ser humano, um bicho tão dependente, que demora tantos anos para aprender a se virar sozinho (cada vez mais, diga-se de passagem), não consegue trabalhar em grupo, não consegue construir junto? E por quê? Vivemos todos juntos em um único planeta, o qual estamos destruindo por que nunca o respeitamos, mas dele usufruímos sem nenhuma responsabilidade. O ser só pode ser livre quando for responsável pelos seus atos e por seus semelhantes, afinal somos uma só espécie.

Porque temos dificuldade em respeitar as ideias do outro? Porque somos tão relutantes em repensar e mudar de ideia? Porque é tão complexo ouvir o outro? Ou abrir mão de uma ideia para receber contribuições e até críticas? Hoje é clara essa dificuldade, isso fica bem evidente nas redes sociais, por exemplo. Não sabemos

respeitar uma ideia diferente. E muitas vezes não sabemos nem mesmo defender a nossa própria ideia. Por quê? É preciso aprender que fazemos parte de um todo, ensinar a identidade terrena e a condição humana (MORIN, 2011). É preciso (re-) aprender a conviver. E é preciso abrir os olhos para a beleza das diferenças. Por medo, estamos nos fechando cada vez mais em caixas e perdendo as belas oportunidades de aprendizado no convívio com o diferente, tornando-nos cada vez mais intransigentes com outras formas de pensar, menos receptivos ao humano. É preciso urgentemente resgatar o que temos de mais precioso, o nosso lado humano e, que estamos perdendo.

É certo que cada ser humano é único, único nas percepções do mundo, único no contexto cultural que foi criado e único em ideias, conexões e, por que não em intuição (que é também um modo de pensar, de perceber e conectar informações), além dos conhecimentos adquiridos que, mesmo sendo padronizado e estigmatizado, são assimilados de forma única por cada um de nós. É preciso respeitar para ser respeitado. E é exatamente o que nos faz únicos que deve ser dividido, compartilhado, trocado e é nesse exercício que crescemos, fazemos conexões, aprendemos e nos transformamos. São as diferenças que devem ser valorizadas.

Penso que ao proporcionar trabalhos coletivos, que derivam de criações individuais, experimentamos na prática a liberdade compartilhada, primeiro a liberdade de pensamento individual, as conexões e percepções de cada um e depois o exercício do compartilhamento, do convívio e o respeito à liberdade do outro, valorizando as ideias individuais e ao mesmo tempo tendo a consciência de que fazemos parte de algo maior, o todo. Exercitando, desta forma, o binômio liberdade-responsabilidade como prática educacional através da linguagem artística.

1. O MEU CONTEXTO AMPLIADO– Liberdade e diversidade como exercício de formação

Filha de artista, vivi entre poetas, músicos, palhaços e pintores. Tive na prática a experiência de ser educada através da vivência com arte. Não exatamente no fazer

artístico, ainda que este fizesse parte, mas no cotidiano do dia-a-dia. No ato de brincar e se alimentar, de olhar o mundo, de passear no jardim e descobrir uma floresta, no olhar a lua e ao perceber os diferentes sons dos passarinhos.

No convívio com artistas vislumbrei diversos processos de criação. Hoje tenho a percepção que esses momentos memoráveis eram cotidianos, principalmente na infância. O que aprendi de mais importante é que existem outras formas de olhar e se comover com o mundo e com as pessoas. Aprendi que existem outras belezas além das aparências e aprendi também sobre os questionamentos humanos. Hoje, com algum conhecimento teórico sobre arte e educação, posso dizer que afinei a minha percepção devido a tanta diversidade a qual fui exposta. Cada um com quem convivi era um ser ímpar, um indivíduo único e especial. Aprendi com todos eles. E aprendi que todos nós somos especiais e talvez por isso nunca tenha me passado na vida a ideia de preconceito. Tive a sorte de conviver com muita gente fora dos padrões sociais e percebi como é importante o colorido das diferenças e, que são elas que precisam ser valorizadas. É nessa troca, entre os passeios pelos vários mundos e contextos culturais variados que crescemos, é no convívio que aprendemos a gostar, a aceitar. E aceitando aprendemos o respeito, independente das diferenças.

Aprendi que a liberdade é muito mais importante que o limite. E que só somos livres de verdade quando entendemos e respeitamos a liberdade do outro e de todos. Que só no coletivo exercitamos a liberdade responsável. E que só com liberdade podemos ser quem somos. Que existem muitas formas de pensar sobre as coisas e nenhuma anula a outra - ao contrário acrescenta, enriquece. Desta forma percebi que são as diferenças que enriquecem culturalmente a nós e o mundo, e que desfilam muito melhor de mãos dadas. São elas que nos tornam únicos e humanos.

Compreendi com a riqueza da minha infância que sem arte é impossível ser educado, porque ela faz parte de nós, está por todos os lados em qualquer sociedade desde os primórdios do homem. E isso fica claro quando observamos os pequenos, há nas crianças a necessidade de criar, assim elas descobrem e aprendem o mundo, aprendem sobre si mesmas, a entender e expressar sentimentos. A arte é inerente ao humano:

O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerente, ordenando, dando forma, criando. [...] Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. Embora integrem [...] toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos. (OSTROWER, 1987, p.10)



Figura 1- O pai, Luiz Rettamozo, fazendo bolhas de sabão, déc. 70. E criando uma “coisa com poesia”, que ele chamou de ‘COESIA’. Obra que deu origem a teoria dos ‘Inutensílio’ do Paulo Leminski, década de 80. Fotos: Nelida Rettamozo. Arquivo Pessoal .



Figura 2- Luana Rettamozo com sua mãe Nélide Rettamozo, servindo de modelo para o encarte do Jornal Diário do Paraná Ano XXII “Fique doente, não ficção” do pai Luiz Rettamozo, 1975. Foto Luiz Rettamozo. Arquivo Pessoal.



Figura 3 - Assim eram as tardes de domingo em família: com Paulo Leminski, Aurea Leminski, Estrela Leminski, Luiz Rettamozo, Nelida Rettamozo, Luana Rettamozo e Carlo Rettamozo, em Cruz do Pilarzinho, final anos 70, Curitiba/PR. Foto Alice Ruiz. Arquivo Pessoal.



Figura 4 - Luana Rettamozo brincando no quintal de casa: interagindo com "o boi", obra do artista plástico Rogério Dias, logo após acompanhar a sua criação, 1976, Morretes/PR e dançando na chuva, 1981, Curitiba/PR. No canto inferior em férias, década 80, Florianópolis/SC. Arquivo Pessoal.



Figura 5 – Patio da casa dos Rettamozos: Secando serigrafia para exposição “Caixa de Bixo”, com Carla Angeli (filha do escritor José Angeli), o artista plástico Rogério Dias e Nélide Rettamoço, Curitiba/PR, 1981. Arquivo Pessoal.

Entendi na prática e sem perceber, intuitivamente talvez, que a arte é a melhor forma de ensinar a respeitar as diferenças, a lidar com dificuldades, com o inconstante e com a complexidade que é ser humano neste planeta. É a melhor forma de aprender sobre o mundo, a sociedade e sobre nós mesmos. A diversidade da arte abre a nossa percepção e isso pode ser muito útil para vida, independente de qual for o aprendizado e/ou área de conhecimento. Mais de 20 anos se passaram e hoje estudando sobre arte e educação, deparo-me com questões urgentes que envolvem ambas as áreas e que me soam ambíguas e incoerentes entre si. Posto de forma simplista uma se baseia em subverter regras e levantar questionamentos ambíguos da contemporaneidade, e a outra em moldar e ensinar regras de convívio para uma sociedade idealizada que fecha os olhos e os muros cadeados para os problemas contemporâneos, e que privando a liberdade do outro busca transformar o prazer do aprendizado e das experiências humanas em simples estatísticas numéricas.

É quase unânime entre educadores, filósofos e pensadores em educação que é preciso fazer algo, mudar posturas, agir. Tenho a certeza que o ensino de arte pode aproximar essas incoerências diminuindo alguns abismos e contribuindo de forma prática para a formação mais humana, mais questionadora e livre. Será esse o receio das nossas escolas?

Vejo que é fundamental educar com o pensamento artístico, a sensibilidade da poesia, a liberdade do teatro, a experimentação das artes visuais. Colocando arte na vida, no dia-a-dia, na maneira de olhar e questionar sobre o mundo.

É preciso estar sensível ao outro e o contato com a arte constrói essas pontes, É imprescindível ensinar à simpatia pela humanidade. Relembro Paulo Leminski, parceiro e compadre de meu pai¹, e um dos grandes poetas contemporâneos com quem tive a oportunidade de conviver na infância, em uma de suas palestras:

Eu tenho uma teoria particular de que tem que existir tanta poesia no receptor quanto no emissor. Você precisa ser tão poeta para entender um poema quanto pra fazê-lo. Só poetas são capazes de entender poesia, então você pode ter passado a tua vida inteira sem ter feito nenhum verso, nenhuma letra de música, nada, mas ao mesmo tempo você diz assim: - Há trinta anos que eu leio Vinicius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Mario Quintana e aquilo tudo me emociona e nos momentos de crise eu vou ali e ali eu... Esse cara é poeta! (LEMINSKI, Paulo. *Polaco Loco Paca parte 1*. Em <https://www.youtube.com/watch?time_continue=26&v=AxZFua2mj3c>. Acesso em 09 julho 2017.)

Estudando arte e educação, me deparo com o pensador espanhol Jorge Larrosa e a importância das experiências² no processo do aprendizado, na sensibilização do humano, no combate aos pré-conceitos. Isso só será possível se olharmos para fora e encararmos a realidade: “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (LAROSA, 2002)

¹ Luiz Carlos Ajalla Rettamozo. São Borja, RS, 1948. Pintor, desenhista, gravador, poeta, compositor, publicitário. Artista multimídia. Referência a arte e principalmente na vida.

² “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo que se passa está organizado para que nada nos aconteça.[...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. [...] A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” (LAROSSA, 2002, p.21, Notas sobre a experiência e o saber da experiência).

Com a ajuda deste e outros educadores e pensadores como Edgar Morin³ e Paulo Freire⁴, percebe-se que existem, sim, caminhos possíveis para uma educação libertária. E que só entenderemos a liberdade-responsável na prática do coletivo, do fazer junto, onde surgem as diferenças. Neste processo de aprendizado aprendemos a liberdade que nos torna mais responsáveis e sensíveis ao outro.

É uma pena que o carácter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação e deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade do ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. [...] Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais das ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios. Em que variados gestos dos alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2015, pg. 44 e 45)

O respeito se constrói no aprendizado do fazer junto. Por meio de atividades práticas e de discussões com os alunos sobre arte, provocar a liberdade de pensamento que a arte nos instiga, através de questionamentos sobre o papel dos alunos na criação da sua cultura, colocando-os como protagonistas em todo o processo. Incentivar o trabalho em grupo onde o respeito à ideia do outro e a cultura da escuta são essenciais. Também, sempre que possível, dialogar com a escola a fim de romper as paredes da sala de aula, ocupando outros locais na instituição para a produção e exposição dos trabalhos realizados, proporcionando aos alunos que se apropriem do local através da arte, utilizando-a como linguagem e ferramenta transformadora e libertária.

³O 'ensinar a condição humana' e a 'identidade terrena' (cap. III e IV) do livro *Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro*, 2011.

⁴ *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*, 2015.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política constato não para me adaptar, mas para mudar. (FREIRE, 2015, pg. 74 e 75)

Na arte está a resposta para as mais diversas indagações da educação na atualidade. E parece que na prática, caminhamos na direção oposta, pois o que tenho visto nas escolas são grades, cadeados, verdadeiros encarceramentos que não levam a lugar nenhum a não ser a revolta, causando indisciplina, algo que tem aumentando a preocupação de professores em geral. Cada vez menos arte e mais repressão... impossível não lembrar de Foucault que, em seu livro *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1987) já comparava a escola à cadeias, e vou mais além perguntando: Não estaríamos desta forma educando para o crime? É possível ensinar para a liberdade pessoas presas em um ambiente gradeado?

Já que parece estar embutido nos objetivos da escola manter os estudantes fechados para que fiquem longe das drogas, da violência e também da responsabilidade que é viver com liberdade na nossa sociedade, (como se a escola pudesse salvar a todos e dar conta de tantas atribuições que lhe incutem) que façamos dessa ilha um local de experiências enriquecedoras, questionadoras, uma ilha não de repressão e sim de exercício da liberdade, exercício da democracia, correndo os riscos inerentes às experiências, tão necessárias para a construção do conhecimento, mas buscando ensinar com as diferenças. “[...] Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. [...]” (FREIRE, 2015)

A partir dessas e outras indagações que fazia sobre arte e educação, somadas ao constante aprendizado e descobertas realizadas no decorrer desses 6 anos na Universidade, além é claro, da bagagem cultural que eu trazia e que me fazia indagar constantemente os limites tão presentes nas teorias de educação estudadas, uma inquietação me dizia que era preciso colocar o que eu pensava em prática, experimentar.

Foi quando soube do PIBID, um programa institucional de bolsa de iniciação à docência que me colocaria em contato direto com os alunos das escolas estaduais. Entrei no programa e permaneci durante três anos e meio, o que me acrescentou muito como estudante de licenciatura e, principalmente como ser humano. Relato abaixo algumas dessas experiências como práticas do aprendizado de arte em sala de aula, buscando uma relação mais livre com os alunos dentro do coletivo.

Utilizei as atividades realizadas no PIBID como referencial de práticas para esse trabalho porque as vivências que o programa me proporcionou foram fundamentais nas minhas certezas e nos questionamentos expostos neste trabalho. O contato com a estrutura da escola, a sala dos professores, a fala dos professores. Cada movimento vivido e/ou observado foi pra mim um aprendizado pra vida. Além, e talvez o mais importante, a experiência do aprendizado do trabalho em grupo, que, com algumas exceções pouco se vive na universidade.

2. AS PRÁTICAS: EM BUSCA DO COLETIVO

2.1. O que é o PIBID?

O PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é um programa de bolsas de graduação dos cursos de licenciaturas que tem como objetivo aproximar o conhecimento universitário à prática das salas de aula desde o início da formação do graduando. O programa é coordenado por um professor responsável pelo projeto, dentro da universidade e tem supervisão de um professor da área de atuação na escola onde será realizado, proporcionando desta forma, uma segurança maior ao aluno inexperiente. O professor/coordenador elabora um projeto para 02 anos de atividades complementares de formação direcionado aos bolsistas/graduandos, como por exemplo aulas, palestras ou ainda alguma atividade específica relacionada ao tema do projeto. Além das observações e o contato com a comunidade escolar que aos poucos se estreita através de entrevistas e no convívio dentro da instituição. O projeto finaliza com a atuação do aluno dentro de sala de

aula ministrando oficinas curtas, sempre com a supervisão do professor responsável na escola. Os bolsistas do PIBID não ficam sozinhos com os alunos.

O PIBID é fundamental porque grande parte dos alunos das licenciaturas só entra em contato com a sala de aula no último ano do curso, no estágio obrigatório. Causando ao aluno de licenciatura bastante insegurança e até dúvidas sobre o exercício da profissão, pois a realidade no interior das escolas públicas é bem diferente e muito mais complexa que as teorias e metodologias de ensino estudadas na Universidade.

Diferente do estágio obrigatório, fase final dos cursos de licenciaturas, onde contato com a escola é realizado em duas etapas: na primeira (1º semestre) observamos 40 horas /aula em duas turmas de diferentes faixas etárias, e após as observações e levantamento de dados, criamos um plano de ensino para as turmas observadas. Na segunda etapa, temos a aplicação prática desse plano com mais 40 horas/aula em sala de aula atuando como professor.

Já no PIBID aplicamos atividades curtas como oficinas e práticas específicas, conforme projeto elaborado pelas coordenadoras para o grupo e colégio em questão; o contato é mais suave, crescente, permitindo uma liberdade maior de ação, já que podemos atuar fora da sala de aula, ainda que tenhamos que permanecer dentro da escola formal. Contamos sempre com supervisão no contato com os alunos e com a assessoria direta no plano de ação. O que no estágio acontece de maneira mais esporádica, já que o aluno de licenciatura enfrenta a tarefa de ministrar aulas no espaço formal sem uma supervisão diária da universidade na escola, já que a professora responsável pelo estágio na Universidade faz apenas uma observação pontual na escola, e, a grande maioria dos alunos não possuem nenhuma experiência anterior dentro de um colégio, quiçá ministrando aulas, e tudo que isso envolve (chamada, avaliações, comportamento, etc) em uma sala de aula.

Tive a sorte de ter experiências no PIBID que me fizeram refletir sobre a nossa atuação como professores e sobre o aprendizado enriquecedor que o humano nos proporciona, o qual se tem no contato e observação dos alunos e colegas.

2.2. Minha primeira experiência - “caindo de paraquedas”

Entrei no PIBID no segundo semestre de 2013, era a etapa final de um subprojeto coordenado pela Profa. Paola Zordan, em cumprimento ao Edital 2009/2013. Edital este que não contemplava subprojetos específicos em Artes Visuais, portanto o mesmo precisaria justificar sua relevância para ganhar espaço e ser incluído no próximo edital.

A primeira escola onde atuei como bolsista foi a Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles, situada ao lado do alto da bronze e próxima a praça da Matriz, no miolo do Centro Histórico: rua Duque de Caxias nº 385, sob a supervisão da Professora Márcia Siqueira. O subprojeto conversava com o bairro, cheio de grafites, lambes e pichações, além do prédio da escola, centenário e tombado como vários outros nas redondezas do centro da cidade. O Tema era patrimônio Histórico.

A ideia, àquela altura do ano, era que eu observasse algumas aulas e construísse um projeto de oficina para a turma observada, que dialogasse com a temática já em andamento. O projeto “Nós e a Cidade” foi construído a quatro mãos. Éramos dois pibidianos em sala de aula, cada um ministrando uma oficina com o auxílio do outro. O meu colega nesta etapa foi o André Venzon.

Além das reuniões na escola, palestras e outras atividades de formação, observamos e ministramos oficinas, além de realizarmos pesquisa para a produção do banco de imagens proposto pelo projeto: uma publicação em pranchas impressas frente e verso com imagens de um lado e informações artísticas, históricas e técnicas sobre as mesmas no verso. Pranchas que seriam utilizadas de apoio como material didático em sala nas aulas de arte. Cada bolsista foi responsável por uma delas. Como entrei no decorrer do projeto, finalizei a prancha da praça da matriz, iniciada pela colega Sônia Braun, com destaque ao monumento a Júlio de Castilhos, e os prédios do entorno da praça da Matriz (Igreja Matriz, Palácio Piratini, Justiça, Theatro São Pedro e Assembléia).

Desde o primeiro contato com os alunos (1º ano do Ensino Médio noturno), enquanto os observava, já planejava realizar um trabalho em grupo. A turma era pe-

quena e seria interessante uma atividade coletiva. Era turno da noite e quase todos os alunos já trabalhavam fora. Conversando com eles, percebi um caminho possível para instigá-los a produzirem sua própria publicação, pois tinham opinião e pensamento crítico sobre o mundo, sobre política, e sobre arte.

Foi minha primeira experiência em sala de aula. E após algumas observações, decidi experimentar produzir ‘fanzines’ com os alunos, por ser democrático e de certa forma libertário. Os temas a serem abordados partiriam do interesse dos próprios alunos e, os zines possibilitaram abordar diferentes modalidades gráficas além de textos, já que nas minhas observações uma das alunas me disse que gostava de escrever e não de desenhar.

Levei imagens de intervenções artísticas de rua e apresentei o documentário do polêmico pixador gaúcho Toniolo (realizado pela TECCINE e os alunos da Famecos/PUC), pois a minha intenção era provocá-los, exercitando o lado crítico sobre a estética das ruas e a nossa relação com a cidade, dos grafites aos lambes e pixações. O que é ou não arte para cada um? E por quê? Foi uma discussão rica, onde os alunos demonstraram opiniões bem consistentes e diferentes sobre a arte de rua, especificamente a pixação. Souberam argumentar e ouvir as diferentes opiniões: alguns não imaginavam que aqueles “rabiscos” podiam ter algum significado. O valor político da pixação, a crítica ao sistema através da estética subversiva confrontando as regras vigentes. Uma estética muitas vezes em pb ou pouca cor, com grafismos quase ilegíveis e cheios de expressão, grafismos esses que mais tarde nos interessariam na criação dos fanzines. Eles conheciam os grafites e pixos do bairro, o tema fazia parte do ir e vir deles.

Apresentei aos alunos a importância da cultura do “Faça você mesmo⁵”, um breve histórico dos Fanzines ou Zines⁶, as linguagens gráficas mais utilizadas, e os materiais básicos como jornais e revistas. Levei também uma antiga máquina de

⁵ Do it Yourself – ou ‘Faça você mesmo’ tradução em português, que surgiu no movimento punk, mas que virou pré-requisito para artistas independentes e, claro, zineiros. Cultura produzida pelas próprias mãos.

⁶ Fanzine ou Zine é um veículo de divulgação alternativo e independente, geralmente reproduzido em pequenas tiragens e distribuído para um público segmentado. “Surge da necessidade de expressão de grupos específicos e tornaram-se campos férteis para experimentações gráficas e textuais graças a sua total e irrestrita liberdade.” (Marcio Sno – o universo paralelo dos zines)

escrever, o que foi bastante estimulante, pois a grande maioria dos alunos, nunca tinham visto um objeto daqueles antes.

Alguns preferiram trabalhar em grupo, outros em dupla. Procurei respeitar a liberdade de cada um, pois acredito que o trabalho coletivo precisa ser colaborativo e prazeroso e, para isso, é necessário que exista alguma liberdade. Ainda que a atividade coletiva seja um belo exercício, acredito que não precise ser forçada, mas sim estimulada, encorajada. E um estímulo pode ser o simples oferecer a possibilidade.

Os alunos produziram diversos trabalhos com viés crítico, demonstrando compreensão do que foi debatido sobre a arte de rua e o conceito do “faça você mesmo”. Apropriaram-se do histórico crítico dos fanzines que vimos em aula e utilizaram temas do seu cotidiano enriquecendo-os com opiniões próprias e bom humor, produziram trabalhos ímpares. Outro ponto que vale destacar, onde aconteceram os maiores “erros”, e, conseqüentemente, os maiores aprendizados, foi o exercício de abstração de cores no resultado final, a estética precária das fotocópias em preto e branco. Notaram que o grafismo em preto e branco era semelhante às pixações.

Em um dos trabalhos, uma aluna demonstrou interesse em se posicionar sobre a polêmica que acontecia nos bastidores da escola naquele momento. Devido ao tema de trabalho de uma colega acadêmica que estagiava na escola. O assunto era intervenção urbana com fios, e os alunos empolgados resolveram agasalhar com uma manta de crochê, feita por eles, o Cristo crucificado que existe no segundo andar da escola. O trabalho não foi bem compreendido e parte dos professores, os mais católicos, tomou aquilo como uma ofensa a sua religião. Esta situação gerou polêmica no Colégio e divergência na comunidade escolar.

Esta minha aluna Daniela fez questão de utilizar o zine que estavam criando em grupo, para expor a sua posição crítica sobre o ocorrido. Naquele momento tive a sensação que meu objetivo estava sendo cumprido, eu tinha sido compreendida, pelo menos por aquela aluna. E ela ficou orgulhosa, pois a sua página do zine entrou no trabalho de conclusão de curso da colega:

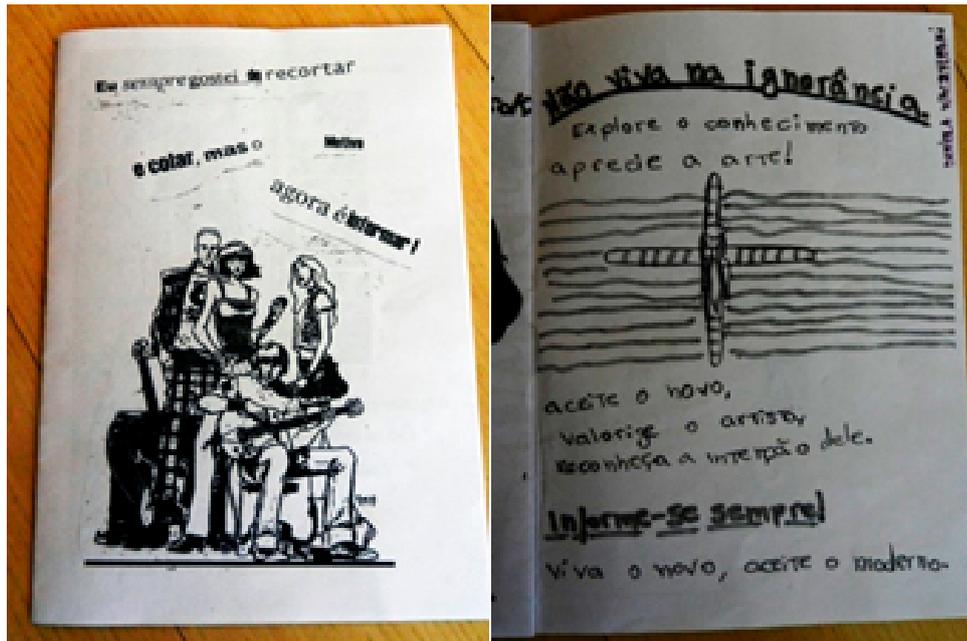


Figura 6- Capa de fanzine e página da aluna Daniela Waczyleski sobre ação artística de estágio da colega Sônia Braun. Imagem no TCC 'Intervenção urbana com fios : o tricô e o crochê na arte contemporânea em uma perspectiva educativa - Braun, Sônia Maria Antônia Holdorf -2013'. Curso Licenciatura em Artes Visuais- UFRGS. Arquivo pessoal de Sônia Braun.

Criar é basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.[...] Nessa busca de ordenações e de significados reside a profunda motivação humana de criar. [...] (OSTROWER, 1987, pg. 9)

Além disso, o ato de criar, de dar a forma, transformar um pensamento em algo concreto, depende da materialidade disponível no contexto em que se está inserido.

Cada materialidade abrange de início, certas possibilidades de ação e outras tantas impossibilidades. Se as vemos como limitadoras para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois dentro das limitações, através delas é que surgem sugestões para se prosseguir um trabalho e mesmo para se ampliá-lo em direções novas. (OSTROWER, 1987, pg.32)

E criar essas possibilidades e materialidades é um dos papéis do professor de artes. Desta forma ampliamos a possibilidade de expressão possibilitando aos alunos externalizar ideias, sentimentos, sensações, experimentando possibilidades diferentes. E ampliamos nossos conhecimentos sobre o humano, através do aprendizado observado nas escolhas experimentadas por cada aluno.

Todas essas transformações, coletivas e individuais, que ocorrem em um grupo, ampliam o universo de cada um, ensinando a todos: educamo-nos simultaneamente e crescemos independente do aprendizado que se esteja sendo ministrado. O convívio e a troca é sempre benéfico, ainda que possa ser bastante difícil e cheio de conflitos. Esses conflitos são necessários para o aprendizado humano sobre si mesmo, ou seja, aprendendo a condição humana, como bem coloca Edgar Morin no capítulo III “Ensinar a Condição Humana” no seu livro “Os sete saberes necessários a educação do futuro”, onde vejo, como o autor, que deve ser esse o ensino primeiro e universal:

Aqui se apresenta um problema epistemológico: É impossível conceber a unidade complexa do ser pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente bioanatômico. As ciências humanas são elas fragmentadas e compartimentadas. Assim, a complexidade humana torna-se invisível, e o homem desvanece como um rastro na areia. Além disso, o novo saber, por não ter sido religado, não é assimilado nem integrado. Paradoxalmente, assiste-se ao agravamento da ignorância do todo, enquanto avança o conhecimento das partes. (MORIN, 2011, pg. 43 e 44)

A liberdade neste contexto amplia as possibilidades de aprendizagem, através do conhecimento do outro e seu universo, que diferente do nosso, existe e deve ser respeitado. Conhecer para respeitar. E respeitando a liberdade e o universo do outro aprendemos que somos livres para poder ser quem somos. A Liberdade de

cada um poder ser o que é. Surge como essencial a troca de culturas que se estabelece no aprendizado do trabalho em grupo para a construção do respeito.

É no respeito pela existência, pela materialidade finita e intransferível de tudo que é, que as delimitações servem de fonte inesgotável para a criação, ao mesmo tempo incentivando e orientando a ação humana. (OSTROWER, 1987, pg. 160)



Figura 7- Alunos do ensino médio trabalhando em oficina de fanzines na E.T.E.S. Ernesto Dornelles 2013. Arquivo pessoal



Figura 8- Equipe do PIBID 2013 E.T.E.S. Ernesto Dornelles: Prof.^ª Sandra Mattos, Rafaeli Andrade, Gabriela Paludo, Zaíra Mendes, Sônia Braun, Isabella Mazon, Luana Rettamozo, André Venzon, Diane Sbardelotto, Pollyanna Carvalho e Prof.^ª Paola Zordan. Arquivo pessoal prof.^ª Paola Zordan

2.3. PIBID - “Um projeto do início”

Outra coordenação, outra escola, outro projeto, outro método de ensino, outros objetivos, enfim... tudo era novo de novo.

O Edital 2013/2017 foi uma vitória das artes visuais em relação ao edital anterior, visto que agora as artes já estava inserida como uma das 29 licenciaturas contempladas em edital. Novamente me inscrevi e entrei, agora iniciando um projeto desde seu o início.

Esta segunda experiência no PIBID foi com coordenação da Profa. Paula Mastroberti, sob novas diretrizes. Éramos 11 bolsistas ao todo, e fomos divididos em duas equipes. Fiquei naquela que atuou no Colégio Aplicação de Porto Alegre da UFRGS, com a supervisão da Profa. de artes Aline Becker.

O Projeto contemplava 3 tipos de mapeamentos do espaço escolar: mapeamento poético, mapeamento da comunidade (realizado através de entrevistas) e um último mapeamento utilizando objetos e personagens do colégio (uma espécie de jogos de cartas).

2.3.1 O ano de 2014

Desta vez, acompanhei o projeto do início. Iniciamos com o mapeamento poético/visual em grupo, primeira atividade prevista naquele subprojeto, que era composto de três tipos de mapeamento como pesquisa na escola naquele primeiro ano. Cada aluno escolhia uma área do colégio para representar, e a partir daí faríamos uma poética/ visual em um mapa coletivo, dobrável e interativo.

Trabalhar em grupo com os colegas de graduação não foi nada fácil e tivemos diversos conflitos. Situação que me chamou muito a atenção, porque sempre tive como premissa o trabalho em grupo, acreditando que mais pessoas pensando é sempre mais enriquecedor que uma só. Creio que é sim engrandecedor, porém naquele momento, nós adultos não conseguíamos sentir as qualidades destas trocas.

Ao mesmo tempo em que fazíamos o mapeamento e observávamos o colégio, os professores e os alunos separadamente (pois não conseguimos encontrar horários conjuntos de observação), apercebi-me do quanto é solicitado aos alunos na escola, a prática do fazer trabalhos em grupo, e me questionei. Nós adultos, universitários, não estávamos conseguindo concluir o trabalho por dificuldades no processo de trabalho coletivo. Até disputa de território no mapa surgiu, como as crianças fazem. Não conseguimos finalizar o trabalho com o mesmo grupo que começamos. Como então solicitar o fazer coletivo dos alunos? E porque não conseguimos trabalhar em grupo? Quais eram nossas maiores dificuldades?

Diante daquela situação, segui pensando: será que os professores atuantes em sala de aula, que solicitam trabalhos em grupo de seus alunos, sabem e praticam o trabalho coletivo? Será que conseguem? Ou como nós, também teriam problemas? Não seria essa a resistência da grande maioria dos professores ao realizar projetos interdisciplinares nas escolas? E os alunos? Por que conseguem essa interação mais facilmente? Pois ficou claro que eles, os alunos parecem saber trabalhar melhor em grupo que os mestres. Será então que não deveríamos aprender mais com os alunos?

É importante aprendermos a fazer junto. E esse processo exige de todos nós compreensão. Busco novamente no pensamento de Edgar Morin⁷ (mas especificamente os capítulos VI-Ensinar a compreensão e VII-A ética do gênero humano) um possível caminho.

Há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. Compreender significa intelectualmente aprender em conjunto, *com-prehendere*, abraçar junto (o texto e o seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação. [...] A compreensão humana vai além da explicação. [...] Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito.[...] O outro não é apenas percebido objetivamente, é percebido com outro sujeito com o qual nos identificamos e identificamos conosco.[...] Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. (MORIN, 2011, pg. 82. Grifo do autor.)

⁷ No livro Os setes saberes necessários à educação do futuro.

Estamos caminhando para um individualismo intolerante, onde não aceitamos mais uma ideia diferente da nossa sem imediatamente atacá-la, como se uma tivesse que ser destruída para que a outra fosse aceita. Ideias nunca são demais! É preciso aprender a fazer a síntese. Falo do fazer junto que decide coletivamente, que aceita a opinião do outro, do coletivo que nos ensina a respeitar o diferente, da aceitação de novas ideias. Aceitar críticas, mudar de opinião. Pensar. Não seria essa a grande tarefa da educação?

E, no entanto, continuamos a educar para o individual. Fazendo exatamente o contrário do que deveríamos, na prática do dia-a-dia dentro das escolas formais, pelo menos na grande maioria delas. Obrigamos os alunos a sentarem-se em cadeiras e mesas individuais e não conversar com o colega, não olhar o trabalho do vizinho. Ainda bem que a troca entre esses alunos se faz naturalmente no recreio, quando não são proibidos de se misturar, se observarem- e interagirem. Pergunto: não deveríamos incentivar essas trocas no fazer das tarefas? Incentivar os alunos com mais facilidade a ajudar aqueles com maior dificuldade? E, ao contrário do que se pensa, o aluno que ajuda também aprender ao ensinar. Será que os alunos não teriam coisas preciosas a nos ensinar sobre o fazer coletivo, por exemplo?

Acredito que esteja aí o grande mérito da escola pública: o coletivo. O aprender a fazer junto. Mais do que qualquer outro tipo de aprendizado, o aprendizado da convivência. E tendo a arte como facilitador. Onde a arte possa ser um meio e não um fim em si. Aprendemos a compartilhar ao expor uma obra, um espetáculo, uma música. A arte busca o compartilhamento. E me pergunto por que não compartilhar ideias e criar junto - o que, só enriquece, tanto no aprendizado do convívio, que não é fácil, mas fundamental e imprescindível para nós seres humanos, como no resultado final de um trabalho mais plural.

O grupo foi mudando no decorrer do ano devido à saída de bolsistas por diversos motivos fora os conflitos, motivos pessoais e também por estarem em vias de se formar. Novos colegas entraram e com todas as intempéries⁸, conseguimos fina-

⁸ Além das dificuldades com o grupo dos graduandos, tivemos trocas de escolas e de supervisores. Embora tivéssemos um projeto de base, ele sofreu contínuas modificações, para adaptar-se ou à

lizar o mapa⁹, que foi apresentado em pôster no Seminário Internacional Pró-Docência UFRGS/ Colóquio Nacional PIBID-UFRGS/ X Seminário Institucional do PIBID-UFRGS.



**DOCÊNCIA COLABORATIVA
E INTERDISCIPLINARIDADE**



**CONHECENDO O ESPAÇO DA ESCOLA ATRAVÉS
DE UMA INTERAÇÃO LÚDICA**

Luana Rettamoza,
Angela Longo, Maira Ochoa, Gabriela Sulczinsk

APRESENTAÇÃO

Trata-se de um mapeamento do Colégio de Aplicação da UFRGS, realizado no primeiro semestre de 2014 por sete bolsistas do PIBID Artes Visuais, com foco no espaço e o potencial educativo dos lugares escolares.

METODOLOGIA

O processo foi realizado a partir das diferentes visões dos pibidianos que, por meio de visitas e registros fotográficos do Colégio, construíram uma planta baixa do local. Cada integrante do grupo escolheu um espaço de trabalho potencialmente educativo, nele inserindo um "tesouro móvel", como objeto de aprendizagem interativa. A intenção era ressignificar o ambiente a partir dos diversos olhares construídos sobre o espaço escolar, sendo fundamental a diversidade dos pontos de vista a partir do ensino de artes visuais.



planta baixa do colégio



montagem coletiva

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O resultado obtido foi uma espécie de "assemblage coletiva", com uma referência na arte, criada pelos pibidianos Ângela Longo, Gabriela Paludo, José Sívio Amaral Camargo, Luana Rettamoza, Maira Ochoa, Paula Pozzan Garcia e Patrícia Moreles, alunos do Instituto de Artes da UFRGS que trabalharam sob a coordenação das professoras Paula Mastroberti e Umbelina Barreto e supervisão da professora Aline Becker.



diferentes linguagens utilizadas: pop-ups, colagens, recortes

"Conhecendo o espaço escolar através de uma interação lúdica" define-se como um objeto em que o observador é fundamental, pois a proposta é, principalmente, a interação. Para a leitura do objeto é necessário descobrir dobraduras, levantar pop-ups, vestir bonecas de papel, escrever ou desenhar, enfim, realmente interagir com o objeto, descobrindo os espaços de uma escola de forma lúdica e divertida, e, talvez, reinventar esses espaços.



detalhe



assemblage finalizada a 14 mãos - ressignificação do espaço escolar

REFERÊNCIAS

ACASO, Maris. Pedagogias invisíveis: el espacio del aula como discurso. Madrid: Catarata, 2012. A autora coordena o coletivo "Pedagogias Invisíveis", com foco no espaço escolar.



Figura 9- Pôster "Conhecendo o espaço da escola através de uma interação lúdica" apresentado no X Seminário Institucional do PIBID-UFRGS 2014. Arquivo pessoal

formação de equipes, ou à escola, ou à supervisora, ou ao momento político. (Coordenadora Paula Mastroberti)

⁹ O mapa foi o primeiro dos três mapeamentos realizados no Colégio Aplicação naquele ano (2014) e fazia parte do projeto de formação do PIBID idealizado pelas coordenadoras.

2.3.2 O ano de 2015

Era início de ano letivo. Seguíamos no CAP¹⁰. Nossa equipe agora era formada por 4 pibidianos: eu e minhas colegas Gabriela Paludo Sulczinski, Beatriz Rockett Kober e Clarisa Reschke Martins, supervisionadas pela Profa. Aline Becker. Junto com 9 professores do projeto Amora¹¹ acompanhamos uma saída de campo - atividade transdisciplinar proposta pelo colégio. Realizada nos arredores da escola, esta atividade incluía uma série de tarefas programadas coletivamente pelas professoras das diferentes áreas de conhecimento envolvidas: artes visuais (professora Aline Becker), matemática (professora Marlusa Benedetto), ciências (professora Maria Angélica Rubio), teatro (professora Mônica Bonatto), educação física (professor Rafael Teixeira), história (professor Rafael Vicente Kunst), geografia (professora Máira Suertegaray), inglês (professora Ivana Katia Ferreira) e espanhol (professora Rosália Procasko Lacerda).

O Colégio de Aplicação da UFRGS fica no Campus do Vale da Universidade, e é um espaço grande com uma grande área verde no seu entorno. A atividade programada para aquele dia era diretamente relacionada com o que iríamos encontrar no trajeto proposto. As crianças (alunos do 6º ano E.F.) ganharam um roteiro com as diferentes atividades a serem realizadas, como por exemplo, contagem de insetos, observação de folhas, formas e cores, tipos de lixos descartados no percurso, marcar a nascente do dilúvio Ipiranga no mapa, reconhecimento de espécies de plantas encontradas, entre outras. Estavam aprendendo na prática, observando na natureza para comprovar o que viram e ouviram em aula. Foi uma atividade bem enriquecedora e tranquila, sem conflitos ou percalços, com bastante diálogo e, bem organizada. Foi marcante, pois vivenciei na prática ser possível aprender fora da sala de aula com a natureza, na vida. E andando ao ar livre conversando com os alunos, a sensação era de liberdade, ainda que apenas a liberdade dos corpos, já que os alunos tinham atividades dirigidas a serem realizadas e tempo para fazê-lo. Ainda assim já

¹⁰ Colégio de Aplicação da UFRGS.

¹¹ O Projeto Amora é um projeto interdisciplinar que existe há mais de 20 anos no Colégio de Aplicação da UFRGS. Projeto de transição dos alunos das séries iniciais para o 6º ano do Ensino Fundamental. No Amora vários professores de disciplinas diferentes trabalham juntos em sala de aula.

era um diferencial dentro de uma escola formal. Além disso, o “fazer-junto” estava presente, pois vale observar a quantidade de pessoas envolvidos naquela aula. Tínhamos um grande grupo trabalhando: uma equipe de professores que elaborou a atividade coletivamente, um time de pibianos como apoio aos alunos, fora a turma do 6º ano, os próprios alunos. Era um coletivo formado por coletivos.

Foi a partir desta prática que gradativamente fui consolidando a importância dos coletivos e da liberdade, meio sem saber ao certo que liberdade era essa. Era possível romper com as paredes da sala e com os muros da escola. Era possível trabalhar junto, em uma atividade programada e bem organizada envolvendo várias áreas de conhecimento e múltiplos saberes. Não era mais teoria, estava vendo acontecer na prática. Naquele momento, naquele colégio, naquele projeto... era possível. Foi realmente uma atividade que abriu pra mim as possibilidades práticas, o que até então, eram somente teorias e as minhas expectativas intuitivas da experiência no contexto que vivi.

Após a saída de campo, organizada e programada para o projeto Amora do Colégio de Aplicação, nós pibidianos iríamos coordenar uma atividade inicial para aquela turma. Com todas as facilidades que tínhamos ali, turmas menores e um belo espaço no pátio do colégio, pensei que era um bom momento para experimentar. A ideia de estar fora da sala de aula foi tão gratificante a todas nós pibidianas que sugeri fazer uma atividade com materiais orgânicos no pátio do colégio, ao ar livre, que foi aceita de imediato por todas. Era quase que uma obrigação explorar o pátio daquele espaço, tão grande e cheio de possibilidades, cheiros, sons, texturas, cores, etc. Seria um desperdício não aproveitar já que um dos papéis da arte como educação é ampliar a percepção dos sentidos, portanto aquele ambiente era um prato cheio. Os materiais orgânicos seriam retirados do chão e arredores da escola: musgos, sementes, flores, terra, folhas etc. Além do mais seria algo diferente e conversava diretamente com saída de campo já realizada. A ideia de trabalhar com material orgânicos foi inspirada no trabalho artístico atual de meu pai: - “ComoVer a terra”, cuja poética se baseia na criação do mundo com o barro, suas diferentes cores e texturas.. Vivendo coletivamente sobre a tela.¹²

¹² <http://projetocomover.blogspot.com.br/> e <http://rettamozo.blogspot.com.br/>

Essa atividade foi uma experiência prática das minhas inquietações sobre educação e/ou arte. Por ser coletivo em um espaço aberto, diferente das quatro paredes que é uma sala de aula formal, ainda que no espaço do Colégio. Encontrei ali algum tipo de liberdade - liberdade dos corpos - que naquele momento podiam se esticar, sentar, deitar, se locomover. Do espaço, ao ar livre com a interação do vento, dos pássaros, da comunidade escolar que por ali circulava. O livre diálogo, a troca de contextos tão diversos, entre alunos, professora e bolsistas. A sensação era sim de alguma espécie de liberdade maior que se tem em uma sala de aula, maior e talvez mais arriscada que qualquer outra experienciada entre as quatro paredes. Conhecíamos pouco os alunos e não tínhamos prática nenhuma em atividades com crianças desta faixa etária (11 e 12 anos). Esse era o momento para arriscar!? Afinal os riscos são inerentes a qualquer aprendizado e devem ser enfrentados. Arriscamos!

Esticamos uma imensa folha de papel kraft no pátio da escola (uns 5 metros para cada metade da turma), que utilizamos como suporte. Seriam duas seções. No projeto Amora do CAP¹³ as turmas são divididas. Fizemos a atividade, primeiro com metade da turma e depois com a outra parte, meia hora para cada. Utilizamos diversos materiais orgânicos sobre o papel (sementes, folhas, flores, terra, pó de café, etc). Materiais esses que não eram familiares a eles em atividades artísticas. Apesar do CAP possuir uma disponibilidade de experimentação de materiais bem acima da média das demais escolas públicas, além do barro, às vezes utilizado para fazer cerâmica, o restante dos materiais eram novidades experimentá-los no papel. Lembro-me de alunos que chegaram com muito nojo, olhando tudo de longe, mas no decorrer da atividade se permitiram experimentar e gostaram, lambuzaram-se e exploraram os materiais de diversas formas. Estavam se relacionando com a matéria.

Nossa proposta era fazer um desenho coletivo, lembrando as observações do trajeto realizado na saída de campo, utilizando somente materiais orgânicos sobre o papel. Eram tintas feitas com terras de diferentes tons, que foram recolhidas nos arredores do colégio, cola-grude caseira, argila, carvão, musgo, sementes, pó de café, folhas, flores, chinelos (para textura) e papel kraft em rolo como suporte. Os temas específicos abordados eram: a observação do percurso, experimentações dos mate-

¹³ Colégio de Aplicação da UFRGS.

riais oferecidos, texturas e produção de silhuetas. Dentre os temas transversais: o espírito de equipe, o trabalho coletivo, o respeito pelo outro, a colaboração e o compartilhamento.

No dia anterior passei a tarde peneirando e experimentando os diferentes tons de terras que tínhamos recolhido dias antes. Fui à atividade carregada: garrafas PETs, terra peneirada, pincéis e folhas que fui recolhendo no caminho até o colégio. Tudo parecia chamar a minha atenção no chão, qualquer folha, qualquer semente ou flor. Estava afinando o meu olhar. A atividade já estava a todo vapor, ao menos pra mim.



Figura 9- Coleta de diferentes tons de terra nos arredores do CAP para atividade PIBID 2014. Arquivo pessoal.

Naquele dia cheguei ao colégio às 07:30 h. Expectativas e um frio na barriga eram as sensações maiores daquele momento. A ansiedade também era grande, ou seja, já havia passado uma noite mal dormida esperando a hora... Será que com os alunos, conseguiríamos realizar uma atividade coletiva sem conflitos?

Instalei-me na bancada das bandeiras (no pátio do CAP) e fui organizando os potes com materiais, as colegas foram chegando e juntas deixamos tudo pronto. Esticamos o papel kraft no chão e disponibilizamos em potes os diferentes materiais no centro do papel para que todos tivessem acesso. Naquela manhã o vento nos provocava e os materiais voavam, inclusive o papel. Começava aí nosso conflito com os imprevistos da realidade – e era só a natureza agindo!

Quando os alunos chegaram ao pátio, eram 15 estudantes mais ou menos, olharam com cara de estranhamento para o que viam. Entre enojados e curiosos estavam atentos a tudo. Ao iniciar o trabalho, lembramo-nos da saída de campo e tudo que foi visto naquela manhã. Enquanto as colegas encaminhavam os alunos no

entorno do papel, expliquei sobre silhuetas, mostrando algumas imagens de árvores e bichos, silhuetas de árvores retorcidas, com galhos, com folhas, sem folhas, estilizadas, tipos diferentes para que não criassem estereótipos. Além disso, ofereci chinelos para texturas sobre o papel, porém poucos utilizaram (os que fizeram, entretanto, gostaram muito da experiência). Mostrei as imagens, passando-as de mão em mão para que todos observassem bem. Quando percebi que alguns alunos tentaram copiar os desenhos, recolhi-os. Apresentamos, eu e as colegas do PIBID, os materiais e pedimos para que iniciassem a tarefa. Alguns alunos demoraram um pouco para se envolver por receio de manipular os materiais, outros apenas desenhavam com carvão e observavam os colegas, que se esbaldaram experimentando os diferentes materiais e suas texturas. Surgiram árvores de diferentes tipos, insetos, personagens e até temas escatológicos foram representados no papel. Enquanto eles trabalhavam, nós do PIBID observávamos e registrávamos o que estava acontecendo. As percepções tão pessoais de cada um, como eles se relacionam com a matéria e com os colegas, que conexões estavam sendo estabelecidas durante o processo do fazer.



Figura 10- Materiais orgânicos utilizados para atividade artes PIBID 2014: folhas, musgos, barro, tinta de café, troncos, carvão, sementes. Arquivo pessoal

Um dos diversos momentos curiosos que presenciei naquele dia, foi quando pude observar dois alunos se preparando para pisar com seus próprios tênis no barro, a fim de deixar suas marcas sobre o papel, imediatamente ofereci os chinelos para que não sujassem seus sapatos: olharam-me com cara de espanto, mas aceitando a proposta logo calçaram os chinelos e pisando no barro correram para deixar suas pegadas sobre o papel. Outro momento interessante foi quando uma das alu-

nas, ao chegar, me pergunta se era mesmo obrigatório participar, pois ela não gostaria de mexer com barro, tinha uma espécie de nojo, mal estar. Eu avisei que não era obrigada, mas que seria legal se ao menos ela experimentasse, era algo diferente. A aluna experimentou colocar a mão no barro e levantando-se correndo, me pediu pra lavar as mãos, visivelmente incomodada. Prontamente deixei a vontade e disse-lhe que não fizesse mais, se a sensação era assim tão desagradável, que apenas observasse. Ela voltou do banheiro, observou alguns minutos de pé e retornou ao papel, sujando-se, agora aparentemente sem receio. Foi um momento significativo observar essa aluna se permitir tentar algo novo e gostar, fazer descobertas. Foi uma das últimas alunas a abandonar a atividade. E ela se permitiu apenas por observar os colegas experimentando, no convívio com os outros.

Vários alunos que nunca tinham experimentado o contato com esses materiais gostaram da experiência, expressando isso inclusive oralmente. Nosso objetivo foi alcançado parcialmente já que no resultado final obtivemos vários desenhos individuais na borda do papel ao invés de um único desenho coletivo, como solicitado. O mesmo ocorreu com a ideia de silhuetas que, ou não foi entendida ou simplesmente não quiseram experimentar, pois até faziam os contornos das árvores, mas depois preenchiam com texturas, desenhos, folhas e sementes coladas, tirando a ideia da silhueta, ainda que tenham conseguido resultados bem interessantes esteticamente. Experimentando, os alunos descobriram novas texturas e sensações, abrindo as possibilidades do fazer artístico na prática, dando forma à matéria, utilizando-se de materiais que nunca tinham utilizado para esse fim. Relembro Fayga Ostrower no capítulo em que fala da importância da materialidade no ato criativo:

De fato, só na medida em que o homem admita e respeite os determinantes da matéria com que lida como essência de um ser, poderá o seu espírito criar asas e levantar vôo, indagar o desconhecido. [...]
Mas, por ser o imaginar um pensar específico sobre um fazer concreto, isto é, voltado para a materialidade de um fazer, não há de se ver o concreto como limitado, menos imaginativo ou talvez não criativo. Pelo contrário, o pensar só poderá tornar-se imaginativo da concretização de uma matéria, sem o que não passaria de um divagar descompromissado, sem rumo e sem finalidade. [...] (OSTROWER, 1987, p. 32)

Embora os alunos tenham se desviado do que foi proposto, o aprendizado aconteceu, pois a subversão e a liberdade de experimentação deveriam ser requisitos básicos e parte do currículo do ensino de artes na escola. Ir além. Abrir as possibilidades. Fazer conexões. Ligações e inter-ligações individuais, com o outro, com o grupo e com a tarefa. Construir relações.

Relacionar é selecionar determinados aspectos e, assim selecionados, interliga-los. É configura-los em forma significativa. É sempre dar forma a um conhecer. (OSTROWER, 1987, pg. 106)



Figura 11- Alunos se relacionando coletivamente com a matéria, com os colegas e as pibidianas no pátio do CAP em atividade PIBID artes 2014. Arquivo pessoal

Estar aberto para o novo, para aquilo que não existe. Como uma ideia que, ao ser executada não dá certo, mas dá origem a outra a partir da ideia inicial, até mais apropriada porque é espontânea e foi construída no caminho do fazer, do dar forma. O incerto, o inesperado é necessário à criação e faz parte do cotidiano na educação formal das escolas. Aprender a lidar com as incertezas é um aprendizado que se torna cada dia mais urgente.

É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças, em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado. É por isso que a educação do futuro deve voltar-se para as incertezas ligadas ao conhecimento (MORIN, 2011, pg. -ver capítulos II e V)¹⁴.

O autor acima, se refere à educação do ser humano de forma abrangente, e o ensino da arte neste aprendizado para a vida é insubstituível, já que ela (a arte) por si só, como conhecimento subjetivo, enfrenta as incertezas rotineiramente em diversos níveis.

[...] a criatividade não deixa de abranger o processo total de nossa vida, e tanto os momentos que consideramos necessários ou 'desnecessários' alimentam a nossa sensibilidade com múltiplas cargas emotivas e intelectuais. (OSTROWER, 1987, pg. 55)

O criar é inerente ao humano desde sua existência, senão assim o fosse pouco ou nada saberíamos sobre a pré-história, por exemplo. O que se quer dizer é que o criar está e sempre esteve presente em todos os momentos e setores da nossa vida. "Assim como o próprio viver, o criar é um processo existencial. Não abrange apenas pensamentos nem apenas emoções." (OSTROWER, 1987, pg. 56) E, por isso vejo o ensino de arte nas escolas como primordial. Antes de usarmos a linguagem ou qualquer outro conhecimento, o criar já está presente em nós desde pequenos.

No ensino de artes, ao experimentar a leitura de obras, a observação dos processos criativos e principalmente a pesquisa e o trabalho prático, tão necessário para dar a forma ao criar, aprendemos mais sobre o mundo subjetivo dos artistas e o nosso próprio. Ao estudar arte aprendemos mais sobre o ser humano e seu inconsistente.

¹⁴ Morin, Egdar. 2011. Os setes saberes necessários à educação do Futuro.

Nossa experiência e nossa capacidade de configurar formas e de discernir símbolos e significados se originam nas regiões mais fundas do nosso mundo interior, do sensório e da afetividade, onde a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo que o intelecto estrutura as emoções. São níveis contínuos e integrantes em que fluem as divisas entre o consciente e o inconsciente e onde desde cedo em nossa vida se formulam os modos da própria percepção. São os níveis intuitivos do nosso ser. [...] A intuição está na base dos processos de criação. (OSTROWER, 1987, pg. 56)



Figura 13- interação entre pibidianos e alunos do 6º ano do CAP em atividade PIBID 2014. Arquivo pessoal

Em relação ao fazer junto, ainda que não se tenha conseguido um desenho único coletivo, todos conviveram bem dividindo o espaço no papel e os materiais. Estávamos abertos à troca e assim pudemos experimentar no coletivo. Experimentar compartilhando os materiais orgânicos, o espaço no papel, o convívio, as experiências. Todos nós nos permitimos fugir das regras, se sujar, colar, pisar, esfregar. Todos se permitiram o fazer solto.

Nas crianças, a criatividade se manifesta em todo o seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir a realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver, para a criança. (OSTROWER, 1987, pg. 127)



Figura 14- A liberdade dos corpos em atividade coletiva ao ar livre PIBID artes 2014. Arquivo pessoal.

Relacionar-se de forma sensorial com o mundo é primordial e inerente ao homem e “poderia ser um grau sempre crescente de humanização” (OSTROWER, 1987, pg.85) de aprendizado contínuo, porém como bem lembra Fayga Ostrower sobre a desvalorização dos aprendizados sensoriais no nosso sistema de ensino e sociedade:

Até parece que não existe experiência sensorial para o homem. Só se admite como válidos e ‘reais’ aqueles relacionamentos que conduzem a definições e conceituações. Estas tem absoluta prioridade cultural. [...] Não existe quase nenhum contato com matérias, com processo de trabalho, com pessoas. O conhecimento reduziu-se a um saber, e o saber a um teorizar. A compreensão sensível das coisas, integrando experiência e inteligência parece ter sido abolida.[...] Não seria por acaso que, hoje em dia, as palavras poético, lírico, possam surgir até com conotações pejorativas, como visões desligadas da realidade do viver. Desde que não conceituam, nem racionalizam, não abrange a racionalidade do homem. De fato não condiz com o racional como está sendo entendido por nossa sociedade, um racional mesquinho e calculista, de interesses pessoais imediatistas, de pronto é tachado como sendo apenas irracional ou até mesmo inútil. (OSTROWER, 1987, pg. 85, 86).



Figura 12- Detalhes da exploração sensorial dos materiais pelo alunos - atividade PIBID 2014. Arquivo Pessoal.



Figura 13- Desenhos e esculturas feitos com materiais orgânicos sobre papel pelos alunos do 6º ano do CAP – atividade PIBID 2014. Arquivo pessoal.

Depois dessa experiência, passamos para a segunda etapa do projeto: as oficinas. Cada uma de nós, da equipe Pibid Artes Visuais do CAP, iria ministrar uma oficina para a turma do Amora, agora em sala de aula. A primeira oficina foi a de ‘ex-libris’ da colega Clarissa Reschke Martins, , era algo que eles não conheciam, foi bem produtivo. A próxima seria eu e resolvi fazer uma oficina de fanzines, agora no 6º ano do ensino fundamental. Uso essa oficina como uma espécie de reconhecimento dos alunos e seus contextos culturais, o que eles gostam, como se relacionam em grupo e o que merece crítica no universo dos estudantes.

Sempre busco incentivá-los ao pensamento crítico nesse processo trabalhando o histórico do fanzine no Brasil, inserido com força nos anos 80, através de grupos contestatórios ao sistema como o movimento punk para divulgar a ideologia anarquista, e também outras lutas de minorias (movimento negro e feministas) que não encontravam espaços nas grandes mídias, além das bandas de rock que encontraram um canal de divulgação da sua arte. O zine era por essência uma publicação subversiva por tratar de temas polêmicos para época (final da ditadura militar) e convidavam as pessoas a fazer sua própria cultura, ou “faça você mesmo”.

O perfil da turma era bem diferente da que tive como primeira experiência na Escola Ernesto Dornelles. Agora eram crianças entre 11 e 12 anos. Eu atuaria no projeto Leituras e Escrituras que, dentro do Projeto Amora, incentiva a leitura e escrita através de atividades com artes visuais. Era pronto para a oficina de fanzi-

nes. Achei interessante essa experiência com crianças, seria algo bem diferente. O que será que eles pensam sobre assuntos polêmicos nessa idade? Ao fazer sua própria revista, o que gostariam de publicar? (Em entrevista, um dos alunos me disse que tinha uma história em quadrinhos pronta em casa, guardada em uma gaveta. Levei essa informação em consideração, sem restringir a atividade apenas a quadrinhos, ao escolher que oficina ministraria.)

A proposta era experimentar linguagens gráficas a partir de recortes, colagens, rabiscos, desenhos, fotos e textos. Utilizar o grafismo e os tons de cinza além do preto e branco do 'xerox' como resultado estético. Trabalhando o conceito de contraste e de precariedade no fazer artístico. Além do desafio do "fazer em conjunto" um objeto final com temas escolhidos pelos alunos após discussões e questionamentos sobre o que é, para quê, e para quem?

Apresentei o conceito, o histórico e as diferentes possibilidades gráficas utilizadas na produção de fanzines. Com a ajuda dos alunos listei no quadro os temas que iam surgindo em conversa com a turma. Assuntos importantes para eles ou para a sociedade e/ou grupos específicos. Temas diferentes daqueles que são publicados em revistas, conteúdos polêmicos como historicamente são abordados nos fanzines (ex.: arte urbana, música, artistas, consumismo, racismo, moda, super-heróis, política, personagens, feminismo, a cultura underground, quadrinhos, ou qualquer outro assunto, não existem restrições para se produzir um zine). Os alunos escolheram os grupos e os temas listados que cada grupo iria trabalhar. Alguns preferiram fazer a atividade individualmente, colocando temas próprios, versos, rimas e desenhos. Aos poucos fui mostrando diferentes linguagens possíveis: texturas, poesia concreta, haicais, história em quadrinhos, caricaturas, fotomontagens. O objetivo era deixar claro aos alunos a importância de cada um se expressar, darem sua opinião, criticarem e buscarem temas do seu universo, do seu interesse que eles não encontravam nas publicações existentes. Mostrar aos alunos que devem ser agentes ativos na produção de sua própria cultura e não apenas consumidores passivos. Além, é claro de se divertir fazendo o trabalho. Que não precisam de "dons", habilidades específicas e nem muito dinheiro, apenas uma ideia, algumas revistas velhas, tesoura e cola, pois não existem regras para se fazer fanzines- essa é a regra básica.

A produção de fanzines está historicamente ligada a ideia de divulgar assuntos e/ou ideais de forma barata e de fácil produção, geralmente com um viés crítico. Abrir esse canal de comunicação sobre suas preferências e possibilitar aos alunos discussões críticas de assuntos de seus interesses é uma forma interessante de trabalhar a arte em sala de aula e de se aproximar no universo dos alunos. O estudante está construindo sua relação com o mundo, portanto conhecer coisas novas, se permitir experimentar e criar meios de projetar suas ideias e pensamentos é fundamental nesse processo. Por se tratar de jovens do 6º ano, cuja faixa etária está entre 11 e 12 anos, início da adolescência, onde os grupos de interesse e as amizades são quase uma “religião” transmitir ideias e descobrir maneiras de falar a um grupo ou a seus “iguais” é importante. E, a criação e a produção dos fanzines possui uma liberdade de experimentação e diversidade de linguagens que deixa os alunos mais soltos para escolher como se expressar.

Insistindo sempre no trabalho em grupo, linguagens gráficas livres (sobreposições, grafismos, desenhos, textos) e diferentes materiais do nosso cotidiano (jornal, revistas, papel e caneta) a criação e produção de fanzines proporciona aos alunos a experiência de se expressar transmitindo ideias de modo crítico com a estética ‘tosca’ da reprodução xerográfica, nunca ou pouco utilizada por eles como arte, sem cor, causando algum estranhamento no mundo tão colorido em que vivem.



Figura 14- Oficina de fanzines com alunos do 6º ano no CAP PIBID 2014. Arquivo pessoal.

O que mais me chamou a atenção e no resultado da oficina foi à variedade dos temas críticos escolhidos. Zine de super-herói sobre a homofobia, críticas à in-

dústria do corpo e o valor do ideal de beleza, política, culinária, séries de tv, etc. As crianças se envolveram e eu aprendi um pouco mais sobre fazer junto com eles.

Vale observar que, ao se realizar, a própria experiência, se converte em referencial. [...] A integração da experiência em padrão referencial é um processo que continua pela vida afora. É um processo de memória e de conscientização. [...] É um processo simultâneo de subjetivação e objetivação, abrangendo valores pessoais e culturais e interligando o plano da expressão com o da comunicação. Corresponde ao nosso crescimento interno [...] (OSTROWER, 1987, pg. 78)

Com as atividades realizadas no PIBID fui consolidando as minhas certezas sobre a importância do grupo, das relações e dos conflitos com os quais mais se aprende e se surpreende com o ser humano, das sínteses com as quais aprendemos a transformar ideias em prol do coletivo e o aprendizado do respeito ao outro que se faz nesse trajeto. O coletivo nos desacomoda nos faz crescer e conhecer cada vez mais sobre o humano e sobre nos mesmos, nossas incoerências e paradoxos.

O apoio do grupo de bolsistas dentro da sala de aula, onde diversos alunos precisam de atenção foi fundamental e fez toda a diferença. Com apoio da equipe foi possível realizar as atividades com mais eficiência e tranquilidade, garantindo maior segurança tanto aos alunos quanto aos professores e pibidianos, pois tínhamos com quem trocar, em que se apoiar.



Figura 15- Alunos e colegas pibidianos em oficina de zines no CAP atividade PIBID 2014. Arquivo pessoal.



Figura 16- Alunos e colegas pibidianos em oficina de zines no CAP atividade PIBID 2014. Arquivo pessoal.

Durante meu tempo de PIBID a equipe mudou várias vezes, pois a cada semestre, pibidianos entravam e saíam do programa por diferentes motivos. E pouco antes de ministrar a oficina de zines, tivemos mais uma mudança na equipe. A colega Clarissa, prestes a se formar, saiu e duas novas graduandas entraram: as colegas Liana Keller e Paola Rodrigues, as quais foram fundamentais para o trabalho dentro da sala aula. Acho que a vontade e a insistência no trabalho de equipe rendeu bons frutos, pois finalizei o PIBID com um time bem integrado e unido, equipe essa que gerou parcerias futuras, em outros projetos e fora da universidade.



Figura 17- Turma PIBID 2014 (Paula, Yasmin, Liana, Aline, Luana, Beatriz, Paola, Isabella, Moisés e Henrique).



Figura 18 - Turma PIBID 2015 (Solange, Paula, Beatriz, Luana, Adriana, Paola, Liana, Sabrina, Leonardo, Caroline, Clara e Bruno). Arquivo pessoal prof^a Paula Mastroberti.

Não é mais possível continuar tratando (explicando, ensinando) a todos de uma mesma forma sem respeitar o ritmo individual de cada ser humano. No coletivo as diferenças aparecem mais claras e a busca por fazer junto supera dificuldades, ao invés de educarmos para um ser melhor que o outro, devemos educar para aquele que tem mais facilidade colaborar com o outro, pois ajudando o colega também se ensina e se faz a troca. O PIBID foi essa troca, esse aprendizado do ‘fazer junto no dar a forma’, com os colegas bolsistas mais intimamente, depois com professores e por último com os alunos, que sempre ensinam mais que aprendem.

A noção da qual não se pode descuidar é que relacionar significa interligar. Assim, mesmo no ser diferente de um contraste haverão de permanecer os aspectos de ligação. Ao se segregarem os contrastes, eles de fato não se desligam; coexistem com as semelhanças e cada qual reforça reciprocamente o carácter do outro. [...] Em outras palavras, ao interligar-se ao grupo o contraste carrega uma tensão especial maior que as semelhanças, e tensões emocionais correspondentes. (OSTROWER, 1987, pg.92)

É importante lembrar que a arte trabalha com essas ferramentas, transformando, re-significando, através das inúmeras relações, conexões e integrações realizadas.

Segundo os níveis de integração - que são incontáveis nas matérias e nos modos de ser – podemos constatar algo que é tão misterioso como a própria vida: a cada nível, de acordo com a crescente complexidade de organização, nos inter-relacionamentos, surgem qualidades novas. (OSTROWER, 1987, pg. 95)

A arte é um meio de fazer relações e inter-relações com o mundo, com a matéria, o meio e consigo mesmo. “Cabe considerar, ainda, que num processo, não só o desenvolvimento é um contínuo, como também é irreversível a modos anteriores, irreversível ao tempo” (OSTROWER, 1987, pg. 94) Poderia aqui usar as reações químicas como metáforas, uma vez que ao se combinarem dois ou mais elementos dão origem a outro, completamente diferente ainda que esteja contido nele esses elementos, porém já em outra forma e/ou estado. O que quero dizer que “O todo se altera qualitativamente através dos relacionamentos”(OSTROWER, 1987, pg. 96), modificando a todos.

A experiência do PIBID, os conflitos, as pesquisas, as observações e as diferentes vivências em grupo e principalmente todas as experiências do coletivo foram fundamentais para construir o pensamento mais fortificado de que só através do respeito à diversidade humana poderemos educar pro sensível, pro humano, pro cuidado com o outro, da espécie e do planeta. E a melhor forma de fazê-lo é o convívio e a tentativa do fazer junto. Talvez devêssemos enxergar os conflitos com mais simpatia, pois é deles que surgem os aprendizados para a vida.

3. OUTRAS EXPERIÊNCIAS

O ano de 2016 foi bem tumultuado devido às ocupações, tanto nas escolas estaduais- fato que se iniciou no estado de São Paulo devido a políticas do governo

Geraldo Alckmin que anunciou o fechamento de mais de 90 escolas. E tal se espalhou por diversas capitais brasileiras. Aqui em Porto Alegre a primeira escola ocupada foi a Emílio Massot, seguida por mais de 100 escolas só no Rio Grande do Sul. Logo depois as universidades também foram ocupadas devido a cortes de verbas e apoio as escolas estaduais e a educação como um todo.

No segundo semestre, recebi convite para ministrar oficinas em duas das escolas ocupadas. O IEE Paula da Gama, no bairro Partenon, na capital e outro na região metropolitana, em Gravataí na E.E. de Ensino Médio Morada do Vale I. Era uma oportunidade de aprendizado prático e foram duas experiências impagáveis, que ficarão em mim pra sempre sobre liberdade. Por isso resolvi citar neste trabalho.

Vi alunos envolvidos e com vontade de lutar por uma educação melhor. Jovens bem informados se organizaram e deram aula de cidadania, respeito e cooperativismo para quem esteve ali e pode ver. Tive esse privilégio. Os alunos sabem que é preciso fazer algo, que essa educação não basta, não serve mais a eles. É preciso mudar na prática. Eles querem participar da escola. Decidir junto.

Uma tarde para ministrar uma oficina de zines é, pouco tempo, mas aquele era o momento ideal para lançar a semente. Estava no ambiente propício para trabalhar a cultura do “faça você mesmo”, afinal eles já estavam fazendo, só precisavam se expressar, construir uma maneira de contar os fatos e deixa-los registrados por eles o que estavam fazendo ali. Uma publicação feita à mão para informar o que estava acontecendo no interior da escola ocupada. Como se organizavam. Como era a divisão das tarefas e quais eram as demandas. Porque ocuparam? Conversamos sobre a importância deles contarem a história que estavam protagonizando e que ninguém faria isso melhor que eles próprios.

Foi uma tarde de intensa troca. De compartilhamento. Não sabemos como as ocupações serão contadas na história, por isso achei importante que os alunos/protagonistas registrassem essa experiência. Só quem se aproximou viu o que estava acontecendo ali. Os próprios alunos se organizaram e dividiram tarefas. E tudo aconteceu de forma genuína e espontânea. As crianças e jovens tomaram para si o destino da educação naquele momento e isso é autonomia. Eles batalharam por oficinas, tinham cronograma... estavam estudando. Queriam estudar.

Aprendi muito mais que ensinei. Vi o coletivo, o fazer junto, a liberdade responsável, o respeito. Adolescentes cuidando um ao outro. A divisão de tarefas. Estava tudo colocado em prática. Tive o privilégio de ver tudo isso de perto.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. (FREIRE, 2015)

Eles querem participar, querem ser consultados e ouvidos. Pra que mesmo que estamos fazendo escolas? Pra quem? Que exercício e aprendizado de vida estamos ensinando se lhes ditamos o que fazer o tempo todo? O que devem saber ou não? E por quê? Por que decidimos por eles e não com eles?

Por isso mesmo pensar certo¹⁵ coloca ao professor ou, mais amplamente a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de alguns de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.(...) Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos?” (FREIRE, 2015, pg.31 e 32).

¹⁵ O termo ‘pensar certo’ é utilizado por Paulo Freire em todo o seu livro “Pedagogia da autonomia”. Eu, particularmente não usaria este termo.



Figura 19- Oficina zines ministrada na ocupação do colégio Morada do Vale I - Gravataí-RS 2015. Arquivo da ocupação cedido por Pedro Herencio de Freitas.



Figura 20- Capa e contra-capa zine sobre as ocupações da Escola Morada do Vale I - Gravataí 2015. Arquivo da ocupação cedido por Pedro Herencio de Freitas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho resultou de reflexões e questionamentos sobre as relações entre educação, arte e a escola pública. Relações que foram sendo construídas numa gradativa permeabilidade entre os conhecimentos adquiridos na universidade e minhas percepções a partir do contexto cultural onde fui criada, as quais me ensinaram o respeito pelo diferente, e onde aprendi que a prática da liberdade é fundamental para uma sociedade menos hipócrita, mais criativa e responsável. Somando-se a

isso as observações e práticas realizadas, tanto na universidade como aluna quanto nas escolas públicas como aprendiz de professora de artes sempre questionando, ao mesmo tempo em que procurava respostas.

Como pode se educar para o pensamento crítico, para a autonomia e para a liberdade, se não se exercita essa liberdade na prática com todos os riscos que existem? Em que momento as crianças e jovens poderiam experimentar, errar ou acertar infringir regras, participar, assumir compromissos, tomar decisões e enfrentar as consequências, dividir responsabilidades em um verdadeiro aprendizado para a vida, tal como se propõe a escola? E que escola é essa onde os jovens não participam ativamente de todas as decisões? Que escola é essa onde os alunos são obrigados a frequentá-la por força de lei quando penso que deveriam ser atraídos pela curiosidade e possibilidades possíveis naquele espaço? Escola essa onde são ensinados a obedecer e a serem servidos e não a construir junto? É isso que queremos como futuro? Adultos obedientes? Obedientes a quem? A quem interessa essa escola que estamos replicando há séculos? Que escola é essa que não respeita o conhecimento dos alunos? Que não utiliza a riqueza da diversidade desses contextos culturais como ferramenta de trabalho para o ensino da condição humana? Será que não somos capazes de fazer uma escola suficientemente interessante onde as nossas crianças e jovens sintam-se cidadãos ativos, e tenham prazer em frequentá-la?

Acredito que já temos muitas das respostas. E essas respostas passam pelo estudo e aprendizado do conhecimento humano e como cada ser se insere no mundo, percebe e cria suas conexões e relações consigo e com os outros. É preciso incentivar o diferente, o ser único e espontâneo que existe em cada um. “Ser espontâneo nada tem a ver com ser independente de influências. Isso em si é impossível ao ser humano. Ser espontâneo apenas significa ser coerente consigo mesmo”. (OSTROWER, 1987, pg. 147)

E mais do que tudo, incentivar a convivência, as trocas, as relações, conexões e inter-relações que nos modificam no decorrer de todo o processo. Respeitar os valores únicos de cada um e aprender com as diferenças. Também é preciso mostrar aos alunos que estamos todos ligados de alguma maneira. Fazemos parte de uma espécie e somos responsáveis por ela: a humanidade. E por isso devemos cuidá-la, respeitá-la conhece-la. Não se vislumbra aqui outro caminho possível que

não seja ensinar a liberdade através de práticas onde se experimente a própria liberdade. E, sim penso que a escola pode ser esse espaço, mas a escola precisa ser repensada. Precisa ser transformada antes de tudo em local de respeito, agradável e produtivo. E aí entra a arte como meio para o desenvolvimento espontâneo e criativo. A arte para pensar. Uma escola onde o aprendizado se desse através das artes certamente seria mais prazerosa e portanto mais eficaz.

Em relação à educação sabemos que não existe uma única solução e que os problemas na nossa educação pública no Brasil são inúmeros, porém muito se faz em termos de estudo e pesquisa acadêmica, é preciso incentivo para coloca-los em prática de forma contínua. Programas como o PIBID e bolsas de extensão são fundamentais e precisam ser ampliados.

O PIBID tem destaque neste trabalho, não apenas porque foi através dele que pude experimentar o mais amplo significado do trabalho coletivo, pois desde o princípio, as coordenadoras do programa nos propõem esse desafio. A relação com a supervisora da escola, as reuniões semanais, os projetos e derivados tudo é coletivo. Atuamos em equipe, sempre um bolsista apoiando o outro. Ainda que tenhamos momentos de experimentação individual como aprendiz de professora, o grande aprendizado aqui sem dúvida é o coletivo.

A cada dia novos pensadores e estudiosos da educação criam novas teorias e diferentes pedagogias. O que se percebe é que a maioria - talvez a totalidade - aportam na direção do resgate do lado humano, e do autoconhecimento. É preciso reaprender a sermos humanos. Certamente temos mais a aprender com os alunos, ouvindo-os, ao invés de oprimi-los e pretensiosamente achar que podemos ensinar mais que aprender. O aprendizado pra vida só se dá na troca em busca de ser livre.

Ser livre significa compreender, no sentido mais lúcido e amplo que a palavra pode ter. Significa um entendimento de si, uma aceitação em si da necessidade da existência em termos limitados. A vivência desse entendimento é a mais plena e a mais profunda interiorização a que o individuo possa chegar. Ser livre é ocupar o seu espaço de vida. Esse entendimento de si é um processo e não um estado de ser. (OSTROWER, 1987, pg. 165).

Gostaria de finalizar esse trabalho com uma citação do educador Antonio Nóvoa¹⁶, do seu livro “Professores: O futuro ainda demora muito tempo?”:

É preciso ter a coragem de começar. Uma primeira conversa com um colega, o início de reuniões de trabalho com outros professores, a criação de uma cultura de partilha no seio da escola [...] Nada se resolve de um dia para o outro. Mas é preciso começar. As mais importantes experiências pedagógicas tiveram origem em pequenos gestos. [...] É da dúvida que nasce o melhor de cada um de nós. Partilhemos, pois as nossas dúvidas, as nossas hesitações, as nossas dificuldades. É o diálogo com os outros que nos faz pessoas. [...] (NOVOA, 2011.)

Ele também ressalta a importância do fazer coletivo e chama a nós, professores, a começar esse caminho na prática.

¹⁶ António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa é professor universitário português, doutor em Ciências da Educação e História Moderna e Contemporânea. Reitor da Universidade de Lisboa.

5. REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário à educação do futuro**. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. 15ª ed. Petrópolis, RJ :Vozes, 2007.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 6ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1987.

NÓVOA, Antonio. **O regresso dos professores**. XXX XXXXXXXX. Brasil, 2011.

SNO, Marcio. **O universo paralelo dos zines**. 1ª ed. São Paulo, SP: Timozine, 2015.

LEMINSKI, Paulo. **Polaco Loco Paca parte 1**. Em

<https://www.youtube.com/watch?time_continue=26&v=AxZFua2mj3c>. Acesso em 09 julho 2017.)

link zine oficina - <https://issuu.com/paulamastroberti/docs/fanzineouzine>

relatorios pibid: https://issuu.com/paulamastroberti/docs/anexos_pibidav_2015